

Problemas internos da economia

São Paulo — É consenso entre os principais banqueiros nacionais de que a fase atual da economia brasileira, marcada pela recessão e pelo desemprego, é muito mais preocupante do que a situação externa do país. Os banqueiros, reunidos ontem na Federação Brasileira das Associações de Bancos (Febraban), para analisar a conjuntura declararam-se preocupados também com os juros altos e o estreitamento da liquidez do mercado.

O presidente da Federação, Roberto Bornhausen, disse que a parte externa, mal ou bem, está caminhando. Sobre os juros, ele informou que as taxas estão subindo e é impossível dizer quando cairão.

Ele destacou que o setor "não tem reivindicações a fazer ao Governo, está apenas conversando. Esperamos o final da centralização do câmbio em março, quando entrarão as primeiras parcelas do jumbo que são os novos recursos".

Juros altos

Um dos banqueiros que participaram da reunião foi o presidente do Bradesco, Lázaro de Mello Brandão. Ele disse que

há, no momento, um estreitamento da liquidez dos bancos e um indicador desse fato é a elevada taxa do **overnight**.

— Há, evidentemente, uma tendência de as taxas de juros se elevarem. Todo o conjunto de medidas adotadas pelas autoridades levam a isso — afirmou Brandão.

O presidente do Banco do Estado de São Paulo (Banespa), Luís Carlos Bresser Pereira, considerou que "as taxas de juros continuarão elevadas, devido à política monetária".

— A partir do momento em que o Banco Central igualou a correção monetária com o Índice Geral de Preços (IGP), as taxas vêm-se mantendo estáveis e elevadas. Como alterar isso? Só modificando a política monetária — afirmou.

Entre os banqueiros presentes à reunião de ontem do Conselho da Febraban, estavam Roberto Bornhausen (do Unibanco), Antônio da Pádua Diniz, (Banco Nacional), Ângelo Calmon de Sá, (do Econômico), Rubens Garcia (do Real), José Carlos Moraes Abreu (do Itaú), Lázaro de Mello Brandão (do Bradesco), Luís Carlos Bresser Pereira (do Banespa).